

Formação Empreendedora Sustentável: Estudo de Caso em uma Instituição de Ensino Superior

Sustainable Entrepreneurial Training: Case Study in a Higher Education Institution

Cristiane Gularte Quintana

Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Brasil
cristianequintana@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5860-0653>

Dione Iara Silveira Kitzmann

Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Brasil
docdione@furg.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2948-5596>

Submetido em 21/07/2020; Aprovado em 29/09/2020.

Resumo

Objetivo: O objetivo deste estudo foi verificar a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável (FES) na instituição. **Metodologia:** Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, que coletou os dados por meio da aplicação de questionário com entrevistas em profundidade, sendo utilizado o *Software NVivo 12 Pro*. **Principais resultados:** Os resultados indicam que, nos cursos de graduação não relacionados às Ciências Sociais Aplicadas, ainda não se discute sobre o empreendedorismo na instituição; que a unidade proponente para a FES não deve ser apenas uma Unidade Acadêmica, mas sim um grupo de pessoas que se identifique com o assunto; e que a predisposição dos gestores em participar e apoiar o diálogo sobre questões relacionadas à sustentabilidade (econômica, social e ambiental) corrobora a afirmação de que a FES pode colaborar para instituir a sustentabilidade nas suas Unidades. **Implicações práticas e teóricas:** A partir dos resultados encontrados, pode-se observar, como contribuição do estudo, a identificação das possibilidades e dos limites para a construção de uma FES. Possibilidades: aceitação de um empreendedorismo mais amplo voltado ao equilíbrio das três dimensões da sustentabilidade nas Unidades resistentes ao empreendedorismo; reestruturação e inclusão da temática nas disciplinas já existentes, dentre outras. Limites: desconhecimento dos gestores das Unidades Acadêmicas sobre empreendedorismo sustentável; falta de percepção dos gestores sobre como conduzir uma FES na sua Unidade, dentre outras.

Palavras-chaves: Formação Empreendedora Sustentável; Gestores; Empreendedorismo; Instituição de Ensino Superior.

Abstract

Objective: The objective of this study was to verify the perception of university managers about Sustainable Entrepreneurial Training (SET) in the institution. **Methodology:** In methodological terms, this is a qualitative research, which collected the data through the application of a questionnaire with in-depth interviews, using the NVivo 12 Pro software. **Main results:** The results indicate that in undergraduate courses that do not they are related to Applied Social Sciences, they still do not discuss entrepreneurship in the institution; that the proposing unit for SET, should not be just an Academic Unit, but a group of people who identify with the subject; and that the managers willingness to participate and support the dialogue on issues related to sustainability (economic, social and environmental) corroborates with the statement that SET can be one of the paths to be followed to establish sustainability in its Units. **Practical and theoretical implications:** From the results found, it is possible to observe as a contribution of the study, the identification of the possibilities and limits for the construction of a Sustainable Entrepreneurial Training. Possibilities: Acceptance of a broader entrepreneurship aimed at balancing the three dimensions of sustainability in Units resistant to entrepreneurship; Restructure and include the theme in existing disciplines, among others. Limits: Ignorance of the managers of the Academic Units about sustainable entrepreneurship; Lack of managers perception of how to conduct an SET

in their unit, among others.

Keywords: Keywords: Sustainable Entrepreneurial Training; Managers; Entrepreneurship; Higher Education Institution.

1. Introdução

A educação para o empreendedorismo no Brasil está emergindo, mas ainda enfrenta barreiras decorrentes das estruturas ou estratégias pedagógicas (Dorion, Nodari, Olea, Ganzer & Mello, 2015). Dado que o papel da educação é crucial ao promover novas ideias e criar negócios e inovações, o potencial de sua participação para desenvolver o empreendedorismo é inegável (Laurikainen, Silva, Schlemper, Soares & Melo, 2018).

As discussões sobre empreendedorismo têm se intensificado por meio da divulgação de programas de apoio, de cursos especializados, de publicações, de eventos e de pesquisas. Além disso, esse tema pode ser incorporado às grades curriculares das Instituições de Ensino Superior (IES), como preveem, por exemplo, as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração (CNE/CES, 2005), que sugerem um perfil voltado para que o administrador amplie a sua capacidade empreendedora. Essas instituições podem promover o empreendedorismo por meio de diferentes iniciativas como a realização de concursos de ideias de negócios, o desenvolvimento de incubadoras de empresas, assim como a realização de investimentos em novas metodologias para a formação empreendedora (Menezes & Costa, 2016).

McClelland (1973), em seu estudo sobre os aspectos comportamentais dos empreendedores, relata que os fatores que levam as pessoas a empreender são de natureza psicológica, embora não diretamente relacionados à capacidade lógica, pois outros fatores, tais como a capacidade de se relacionar e a motivação para buscar sempre coisas novas e melhores a todo tempo, são cruciais. Nesse sentido, para Baggio e Baggio (2014), os brasileiros são vistos como potenciais empreendedores inovadores por apresentarem atitudes construtivas diante de problemas, resultando em soluções.

Para Silveira e Sanches (2017), a formação empreendedora pode ser ensinada e é relevante para constituir empreendedores, mas o seu estudo ainda está em crescimento. A capacidade de empreender é desafiadora, uma vez que pensar em formação empreendedora gera uma visão que vai além do ensino direcionado à transmissão de saberes. Essa formação demanda que o educando possa revelar suas próprias escolhas e decisões, colaborando de maneira consistente para o seu objetivo de vida, tanto no âmbito profissional como no social (Silva, Schimiguel & Araújo, 2015).

Segundo Nassif, Amaral, Pinto, Soares e Prando (2009), uma formação empreendedora deve apresentar uma visão holística e otimista, transformando problemas em oportunidades e desafiando e encorajando os alunos a buscarem soluções inusitadas. Cabe ao professor, como gestor de sala de aula, ser um parceiro dessas ações empreendedoras e, por meio de uma visão crítica, provocá-los na construção de novos conceitos, buscando o diálogo crítico e a explicitação de relações entre as diversas esferas da sociedade. Ainda de acordo com os autores, várias opções são sugeridas no que se refere ao ensino visando à formação empreendedora, tais como: a elaboração de planos de negócios, a ministração de palestras, a aplicação de estudos de casos, a criação de empresas juniores, a realização de pesquisas de campo e o desenvolvimento de incubadora de empresas na universidade (Nassif *et al.*, 2009).

Segundo Barbieri e Cajazeira (2016, p. 68), “uma organização sustentável é a que, simultaneamente, procura incorporar os conceitos e objetivos relacionados com o desenvolvimento sustentável nas suas políticas e práticas de modo consistente”. Já de acordo com a Organização das Nações Unidas [ONU] (2020), o oitavo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) refere-se ao trabalho decente e crescimento econômico, visando promover um crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos. Isso porque, em pleno século 21, ainda existem violações aos direitos trabalhistas, tais como o trabalho escravo. Além do mais, o desemprego é crescente, afetando principalmente os jovens sem formação. Para mudar esse panorama, a Agenda 2030 tem entre suas metas apoiar “o empreendedorismo, criatividade e inovação, e incentivar a formalização e o crescimento das micro, pequenas e médias empresas, inclusive por meio do acesso a serviços financeiros” (ONU, 2020).

No Brasil, após décadas de discussão e de compromissos assumidos, observa-se que o comprometimento das IES com a sustentabilidade ainda é expresso como ações de gestão ambiental, em que a sustentabilidade permanece restrita à pesquisa e às disciplinas e cursos relacionados com a área ambi-

ental (Marinho, 2014). Portanto, torna-se relevante que as IES proporcionem a formação empreendedora de maneira mais ampla, como forma de conduzir à sustentabilidade econômica, social e ambiental dentro das instituições. Corroborando o argumento, Turchiello, Oliveira e Dalongaro (2019) afirmam que o empreendedorismo perpassa os ambientes econômicos e adere às instituições de ensino e que é evidente a relevância das ações empreendedoras como alternativa para o desenvolvimento econômico, assim como para a redução das desigualdades sociais, contribuindo para um meio ambiente mais equilibrado.

Para Fernandes e Silva (2017), a educação ambiental empreendedora nas instituições de ensino tem como objetivo principal orientar a educação ambiental numa perspectiva da educação empreendedora que busca a inovação e a promoção de mudanças de atitudes de forma criativa, sem interromper as evoluções da modernidade e sem perder o olhar na sustentabilidade. Dessa forma, a Formação Empreendedora Sustentável (FES) pode ser entendida como uma estratégia para o desenvolvimento da educação ambiental como um todo, e da educação não formal em particular, pela afinidade com o mercado de trabalho.

Estudiosos que contestam a concepção mercadológica e hegemônica do capital propõem a construção de um empreendedorismo mais emancipatório, ressaltando que ele perpassa várias áreas do conhecimento, incluindo a educação (Almeida, Cordeiro & Silva, 2018). Quando o empreendedorismo é analisado de maneira mais ampla e os seus aspectos-chave são levados em consideração, percebe-se que é possível trazer esse conceito para dentro do contexto escolar, resultando em que seja visto cada vez mais como estratégia de desenvolvimento social e de crescimento econômico (Barros & Gonzaga, 2018).

Para Itelvino, Costa, Gohn, Ramacciotti e Porto (2018), a formação de empreendedores sociais deve-se não apenas à trajetória de liderança social, ou seja, ao exercício do empreendedorismo, mas é também um processo resultante dos espaços e contextos de aprendizagem a que esses empreendedores foram submetidos durante suas vidas, bem como de suas motivações individuais de transformação social.

Turchiello *et al.* (2019) relatam que 77,6% dos alunos pesquisados em seus estudos sobre formação empreendedora possuem o desejo de empreender, contribuindo para a necessidade de se estimular e desenvolver habilidades que possam colaborar na formação de futuros empreendedores. Em outro estudo sobre formação empreendedora a partir da visão de professores e de coordenadores de cursos em IES, evidencia-se que existem quatro categorias principais constituintes dessa formação: intenção de empreender, processos/técnicas de formação empreendedora, aprendizagem empreendedora e estrutura de ensino (Meneghetti, Ruas, Costa & Pedron, 2020).

O objetivo deste estudo é verificar a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável na instituição. Foi desenvolvido em uma IES pública com os gestores estratégicos, sendo estes os dirigentes máximos e responsáveis pelas decisões finais da instituição; e os diretores das unidades acadêmicas, responsáveis pelas decisões administrativas ligadas à parte acadêmica.

A IES escolhida foi a Universidade Federal do Rio Grande. Segundo o Conselho Universitário (CON-SUN), através da Resolução 014/87, a “universidade tem como vocação natural a compreensão das inter-relações entre os organismos, incluindo-se aí o homem e o meio ambiente” (Universidade Federal do Rio Grande [FURG], 2018). De acordo com o Art. 4º do Estatuto da universidade, dentre os fins específicos destacam-se: “IV- promover o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico, social, artístico e cultural; e V- educar para a conservação e a preservação do meio ambiente e do patrimônio histórico e cultural, o desenvolvimento autossustentável e a justiça social” (FURG, 2018). Dessa forma, a Universidade Federal do Rio Grande torna-se uma importante IES para corroborar a FES.

Esta pesquisa se justifica pela busca de uma maior relevância do empreendedorismo nas IES, como elemento essencial para contribuir na melhora dos indicadores econômicos, sociais e ambientais, por meio da formação sustentável, e acredita que, dentro desse contexto, os personagens que podem incentivar a consolidação da formação empreendedora nas IES são os gestores. Conforme a pesquisa “Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras 2016” realizada pela Endeavor Brasil¹, o ensino do empreendedorismo nas universidades pode exercer relevante papel no processo de desenvolvimento econômico, social e ambiental dos países. No referido estudo, foram entrevistados 2.230 alunos e 680 professores de mais de 70 IES do Brasil. De acordo com os resultados, 6% dos universitários brasileiros

¹ A Endeavor é uma organização global sem fins lucrativos com a missão de multiplicar o poder de transformação do empreendedor brasileiro. Recuperado em: 16 de setembro, de <https://endeavor.org.br/quem-somos/>.

já são empreendedores e outros 21% pretendem empreender no futuro. Chegou-se à conclusão de que há um descompasso entre o que as universidades estão oferecendo e o que os alunos demandam, o que pode explicar o contexto pouco dinâmico do empreendedorismo na maioria das universidades do país (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [Sebrae], 2020).

Sendo assim, defende-se que todas as universidades, especialmente as públicas, precisam ter o compromisso com a sociedade e o seu entorno. Isso não é diferente na FURG, que busca preparar “sólidos conhecimentos capazes de dar dinâmica às organizações, produzindo e transferindo tecnologias, gerenciando com eficiência seus sistemas básicos de ensino, pesquisa e extensão” e realizando projetos que apontam para o desenvolvimento local e regional sustentável (Nobre & Anello, 2017, p.183).

2. Referencial teórico

A fundamentação teórica aborda dois tópicos relevantes. O primeiro é a Formação Empreendedora voltada para o empreendedorismo sustentável, assunto recente e interdisciplinar, que ainda necessita de uma formação consistente. O segundo é o papel das IES na Formação Empreendedora, por serem um dos principais agentes do processo de ativação do empreendedorismo no Brasil.

2.1. Formação Empreendedora

Ao longo do tempo, os processos educativos e formativos utilizados na formação de empresários tornaram-se programas de educação social, conquistando-se o “aprender a empreender”, o qual passou a ser conhecido através de várias denominações como, por exemplo, formação empreendedora, educação empreendedora, pedagogia empreendedora, dentre outras (Lima, 2008).

Visto que o empreendedor não mede esforços para criar e administrar o seu negócio, gerando emprego e renda para a sociedade, e que a sustentabilidade das novas empresas é uma inquietação que permeia o empreendedorismo, pode-se relatar que uma possível solução para amenizar essa conjuntura seria a formação de empreendedores mais qualificados para a gestão (Rocha & Freitas, 2014).

Na concepção de Rabbior (1990), existem elementos que devem ser observados ao se elaborar um programa de formação empreendedora, a saber: 1º) estabelecer de maneira clara os objetivos, elaborando perguntas como: o principal objetivo do programa é criar empreendedores ou inspirar iniciativas empreendedoras? Pretende-se criar consciência sobre o empreendedorismo ou plantar sementes para o futuro? Criar empregos ou influenciar o comportamento, aumentando a autoconfiança?; 2º) estabelecer critérios claros de avaliação relacionados aos objetivos do programa, pois o seu sucesso está diretamente relacionado à capacidade de se estabelecer coerência entre objetivos e avaliação; e 3º) não estar satisfeito com o programa: a inconformidade, o questionamento permanente e a busca constante de melhorias devem permear a sua organização.

Contudo, também pode-se destacar a relevância da formação teórica e prática para os estudantes de administração, viabilizada, por exemplo, pela atuação em empresas juniores, em função da prática organizacional e da tomada de decisões semelhantes às que tomarão no futuro (Ziliotto & Berti, 2012; Silva & Pena, 2017). Para Barbosa, Neto, Moreira e Bizarria (2015), a formação empreendedora dos alunos que atuam nas empresas juniores pode estar associada ao período cursado, pois quanto mais tempo o discente fica no curso maior a possibilidade de aquisição de conhecimento nessa área. Segundo os autores, “o desenvolvimento pessoal durante a graduação influencia significativamente a formação empreendedora dos discentes de administração” (Barbosa et al., 2015, p.183). Mesmo assim, de acordo com Azevedo, Manthey e Lenzi (2016), dentre os métodos de ensino mais utilizados no ensino de empreendedorismo está a aula expositiva dialogada, evidenciando que o professor necessita utilizar outros métodos que motivem a criatividade e o interesse do discente em participar das aulas.

Silveira (2016) apresenta algumas obras nacionais e internacionais visando organizar as metodologias que envolvem a formação empreendedora e suas respectivas aplicações pedagógicas. São elas: aulas expositivas; visitas e contatos com empresas; elaboração de plano de negócios; estudos de casos; trabalhos teóricos em grupo; grupos de discussão; *brainstorming*; seminários e palestras com empreendedores; criação de empresa; trabalhos práticos individuais; exibição de filmes e vídeos; jogos de empresas; desenvolvimento de incubadoras e simulações; competição de planos de negócios, entre outras. A disposição e a organização dessas metodologias e respectivas aplicações pedagógicas contribuem para o empreendedorismo sustentável, no qual o empreendedor necessita ir além do conhecimento sobre tecnologia e gestão, adicionando em sua aprendizagem questões sociais e ambientais.

Para Boszczowski e Teixeira (2012), o empreendedorismo sustentável é um assunto de pesquisa

novo e interdisciplinar, que procura aproximar o campo de conhecimento do empreendedorismo ao da sustentabilidade, englobando o desenvolvimento sustentável e seus benefícios sociais e ambientais. No entanto, observa-se que a literatura contemporânea sobre o assunto ainda está em busca de consistência na formação, no intuito de auxiliar a identificar oportunidades para a criação de negócios sustentáveis. Essa formação consistente refere-se ao desenvolvimento de capacidades de descobrir e de criar e explorar oportunidades vislumbrando o econômico, o social e o ambiental (Freitag, 2014).

Dessa forma, segundo Meneghetti *et al.* (2020) relatam, a aprendizagem empreendedora assume características específicas sob dois focos: a formação como uma condição essencial no desenvolvimento de competências para empreender; e a aprendizagem como um processo único, que conta com diferentes esforços para aproximar o aluno das práticas empresariais empreendedoras mesmo fora do ambiente empresarial, capaz de promover um perfil mais dinâmico e inovador ao aprendiz.

2.2. O Papel das Instituições de Ensino Superior na Formação Empreendedora

A partir da década de 1990, o ensino formal do empreendedorismo no Brasil começou a crescer, com escolas e instituições públicas e privadas procurando ofertar disciplinas sobre essa área em sua grade curricular, contribuindo para que as ações empreendedoras fossem disseminadas nas IES (Freitag, 2014; Hisrich, Peters & Shepherd, 2014; Naia, Baptista, Januario & Trigo, 2015; Vieira & Rocha, 2015). Segundo Silva, Cruz, Silva, Fialho e Souza (2017), a efetivação de projetos voltados ao empreendedorismo nas universidades ainda é um grande desafio, pois ainda há dificuldades em integrar o ensino do empreendedorismo na universidade, sendo possível apenas quando são pensadas empresas juniores e centros/diretórios acadêmicos.

Para Gomes e Silva (2018), o empreendedorismo passa não só a fazer parte como disciplina obrigatória ou optativa nas grades curriculares dos mais diversos cursos de ensino superior, mas também no desempenho do docente enquanto empreendedor. Ou seja, através de metodologias próprias, esses conhecimentos são comunicados de forma dinâmica e estimulante aos alunos. Ademais, Martins (2010, p. 123) alega que o “empreendedorismo atua em todas as áreas e não somente na área da gestão, como muitos acreditam”.

Um dos principais agentes do processo de intensificação do empreendedorismo no Brasil são as IES, em função da sua propagação e do seu impacto na sociedade, tendo o poder de anunciar o empreendedorismo como conteúdo de conhecimento. Sendo assim, destaca-se como uma nova função da universidade moderna a promoção de programas voltados para a difusão do empreendedorismo, por meio de novas estratégias de ensino e métodos, programas de apoio, entre outros (Dolabela, 2008; Martins, 2010; Basci & Alkanb, 2015).

Especificamente, os cursos de administração necessitam enfrentar o desafio de aproximar o mundo exterior dos alunos na sala de aula, levando em conta que o principal aprendizado está na capacidade de examinar o mercado, enxergar e internalizar as oportunidades (Vieira, Ribeiro & Melatti, 2010). Sendo assim, a implantação de disciplinas de formação empreendedora na grade curricular dos cursos de administração e MBA estimula principalmente a criação de um centro de empreendedorismo. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Babson College oferece cursos de formação docente dentro das metodologias recomendadas para o ensino do empreendedorismo (Guimarães, 2002).

Nesse sentido, os métodos mais sugeridos para o ensino de empreendedorismo são orientados para o caráter vivencial, ou seja, aqueles que buscam instigar os alunos a saírem das salas de aula para entender o real funcionamento do mercado, tais como participar de seminários com empresários, ouvir casos de sucesso e insucesso com empreendedores, aplicar estudo de casos, assistir a aulas expositivas, participar de dinâmicas de grupo e vivências, usar jogos, encenar dramatizações, assistir a palestras, dentre outros (Vieira & Rocha, 2015; Azevedo, Manthey & Lenzi, 2016; Silva & Pena, 2017).

Assim, pode-se observar a importância das IES no processo de formação empreendedora, como proposto neste estudo, associando o termo ‘sustentável’ (econômico, social e ambiental) à Formação Empreendedora. A questão da sustentabilidade afeta a maioria das áreas da atividade humana, pois é intrinsecamente complexa e multidisciplinar. Por isso, as políticas sustentáveis têm que se adaptar aos novos conhecimentos e às mudanças circunstanciais.

Para Silvério *et al.* (2014, p.7), o empreendedorismo sustentável “significa um fazer acontecer que leve em conta o todo a curto, médio e longo prazo. Por um ângulo, a expressão se contrapõe ao conceito de empreendedorismo egoísta, dos que buscam vantagens só para si, e muitas vezes a qualquer custo”.

O desenvolvimento de competências para a sustentabilidade emana uma interação dialógica, com

realidades e perspectivas distintas, construindo-se com base em novos caminhos através de perspectivas conflitantes, tais como a relação entre competitividade/sustentabilidade e sociedade/mercado, podendo ser essa interação o grande desafio para as instituições de ensino que almejam desenvolver competências voltadas à sustentabilidade (Palmas, Campos & Pedrozo, 2017). Portanto, torna-se necessário solidificar a sustentabilidade nas IES, indo além das ações ecologicamente corretas e desenvolvendo processos de formação com o objetivo de buscar o equilíbrio econômico, social e ambiental. Desse modo, a formação empreendedora nas universidades pode ser um meio de ajudar a implementar a sustentabilidade nessas instituições.

Segundo Casado, Siluk e Zampieri (2012), o processo de implantação de ações de empreendedorismo inovador na universidade agrega participação dos agentes que interagem no processo: professores, alunos e técnicos, contribuindo para o desenvolvimento dessa mentalidade empreendedora em todos os níveis do ensino, da pesquisa e da extensão. Para se tornarem sustentáveis, ainda, as ações empreendedoras precisam ser ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente e culturalmente justas. Sendo assim, a FES mostra-se como um possível caminho a ser trilhado pela Universidade Federal do Rio Grande para atingir seus objetivos, no que se refere ao seu comprometimento com a sustentabilidade, como mostra o seguinte objetivo da Política Ambiental: “incorporar os temas da sustentabilidade nas ações de ensino, pesquisa e extensão, nos currículos de graduação e pós-graduação e nas ações de capacitação dos servidores” (FURG, 2018, Art. 3º, inciso VI).

3. Método

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória, tendo como objetivo verificar a percepção dos gestores sobre a Formação Empreendedora Sustentável na FURG. Para alcançá-lo, o método adotado foi o estudo de caso, que, de acordo com Martins e Teóphilo (2009), demanda mais atenção e habilidades do pesquisador do que uma pesquisa com abordagem metodológica convencional.

Os dados foram coletados através de entrevistas em profundidade. A entrevista é uma conversa guiada para um objetivo definido: recolher, por meio de investigação do informante, dados para a pesquisa (Cervo, Bervian & Silva, 2007). Assim, houve a aplicação de um questionário estruturado a um grupo de 17 entrevistados, sendo 04 (quatro) gestores estratégicos da alta administração superior: Reitora, Vice-Reitor, Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD) e Diretora Inovação Tecnológica (DIT); e 13 (treze) diretores das Unidades Acadêmicas, que representam todas as unidades da instituição: Escola de Enfermagem - EEnf, Escola de Engenharia - EE, Escola de Química e Alimentos - EQA, Centro de Ciências Computacionais - C³, Faculdade de Medicina - FaMed, Faculdade de Direito - FaDir, Instituto de Ciências Humanas e da Informação - ICHI, Instituto de Oceanografia - IO, Instituto de Educação - IE, Instituto de Letras e Artes - ILA, Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis - ICEAC, Instituto de Ciências Biológicas - ICB e Instituto de Matemática, Estatística e Física - IMEF (FURG, 2018).

O processo de aproximação aos atores foi facilitado pelo fato de os autores desta pesquisa serem professores da referida instituição, conhecendo toda a estrutura da universidade e tendo acesso aos seus gestores. Para um melhor andamento, as entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas entre dezembro/2018 e janeiro/2019, sendo gravadas em meio eletrônico e transcritas na íntegra, com duração média de 1h e 15 min.

As informações foram analisadas por meio da técnica de Análise de Conteúdo. De acordo com Bardin (2011), não existe ocorrência finalizada em análise de conteúdo, dado que ela procura conhecer o que está por trás das palavras. Utilizou-se o *Software NVivo 12 Pro*, que, segundo Alves, Filho e Henrique (2015, p. 125), “é um programa para análise de informação qualitativa que integra as principais ferramentas para o trabalho com documentos textuais, multimétodos e dados bibliográficos”.

4 Análise dos Resultados

Na sequência são apresentados os trechos de transcrições das entrevistas em profundidade com os docentes diretores das Unidades Acadêmicas e os gestores estratégicos da instituição. Para uma melhor apresentação visual e ética das entrevistas foram utilizados códigos de identificação no decorrer do texto deste trabalho.

Sendo assim, para a compreensão da análise, foi utilizado o *software NVivo 12 Pro*, permitindo a codificação e a categorização das informações, o que o torna útil para a análise de conteúdo, especialmente por se tratar de uma pesquisa com um amplo número de dados (Alves, Filho & Henrique, 2015).

Conforme exposto, foram identificadas as categorias *a priori*, que, segundo Bardin (2011), são sugeridas a partir do referencial teórico, e as categorias *a posteriori*, que, de acordo com a mesma autora, são elaboradas após a análise do material, levando também em consideração a orientação teórica e o objetivo da pesquisa. Assim, foi definida como categoria *a priori*: Formação Empreendedora Sustentável. Já as categorias *a posteriori* foram: Ações que Contribuem para uma Formação Empreendedora Sustentável; Disposição em Dialogar e Apoiar Questões Relacionadas à Sustentabilidade; Oferta de Disciplina sobre Empreendedorismo Sustentável; Oferta de Cursos Complementares; Pessoas que Podem Contribuir com a FES; e Unidade Proponente para a FES.

Após a categorização das falas dos entrevistados, procedeu-se à análise da frequência das palavras mais citadas nas entrevistas, provenientes do material transcrito, as quais estão dispostas no Quadro 1:

Quadro 1 - Dez Palavras mais Frequentes nas Entrevistas

| Palavra | Extensão | Contagem | Palavras similares |
|------------------|----------|----------|--------------------------------|
| Empreendedorismo | 16 | 353 | Empreendedorismo |
| Universidade | 12 | 169 | universidade, universidades |
| Ambiental | 9 | 167 | ambiental, ambiente, ambientes |
| Professores | 11 | 156 | professor, professores |
| Disciplina | 10 | 111 | disciplina, disciplinas |
| Sustentável | 11 | 109 | Sustentável |
| Formação | 8 | 104 | Formação |
| Empreendedor | 12 | 95 | empreendedor, empreendedores |
| Educação | 8 | 87 | Educação |
| Inovação | 8 | 71 | Inovação |

Fonte: análise NVivo 12 Pro.

Como mostra o Quadro 1, a palavra mais citada nas entrevistas foi “empreendedorismo”, com 16 de extensão (representa número de letras da palavra) e 353 citações; em segundo lugar, aparece a palavra “universidade”, mencionada 169 vezes. O conjunto das 10 palavras mais citadas (empreendedorismo, universidade, ambiental, professores, disciplina, sustentável, formação, empreendedor, educação e inovação) refletiu a representação dos assuntos pertinentes para uma FES para a universidade. Além disso, essas palavras revelam que a base para análise dos resultados encontra-se em sintonia para uma efetiva FES. Destaca-se que a recorrência da palavra “educação”, que se encontra no nono lugar, deve-se ao fato de que, durante os relatos, ela foi associada pelos entrevistados à palavra “formação”.

Na categoria Formação Empreendedora Sustentável, as categorias *a posteriori* com mais destaque são aquelas em que os gestores relataram mais informações pertinentes ao que foi questionado, ou seja, com maior frequência de palavras. A Figura 1 mostra um resumo das categorias *a posteriori* que tiveram mais destaque.

Figura 1 - Mapa de Palavras por Categorias de Formação Empreendedora Sustentável



Fonte: análise NVivo 12 Pro.

A Figura 1 evidencia que a “Oferta de Disciplina sobre Empreendedorismo Sustentável” e “Ações que contribuem para uma Formação Empreendedora Sustentável” foram as categorias *a posteriori* que

mereceram maior destaque nas falas dos entrevistados, o que relaciona dois itens fundamentais – ação e oferta. A viabilidade de uma formação empreendedora está muito ligada à existência de ações nesse sentido, e talvez o principal ponto polêmico sobre isso seja a oferta ou não de uma disciplina específica. As Categorias *a posteriori* identificadas estão dispostas conforme segue.

a) Ações que Contribuem para uma Formação Empreendedora Sustentável

Durante a entrevista, foi questionado aos gestores quais ações eles entendem que podem colaborar para inserir uma FES na universidade. A fala dos entrevistados permitiu identificar que as ações devem ser abordadas de maneira interdisciplinar e transdisciplinar e que as iniciativas devem partir da Administração Superior, com ações estabelecidas no planejamento estratégico da instituição e, posteriormente, das Unidades Acadêmicas, reafirmando o que Boszczowski e Teixeira (2012) constatam sobre a relevância do empreendedorismo sustentável como um assunto de pesquisa novo e interdisciplinar.

Por outro lado, alguns gestores foram mais específicos, destacando a relevância das ações voltadas para cursos sobre esse assunto com a participação e a interação da comunidade acadêmica (professores, técnicos e alunos), vindo ao encontro de Casado, Siluk e Zampieri (2012), que afirmam que o processo de implantação de ações de empreendedorismo na universidade necessita da participação dos agentes que interagem no processo.

[...] eu acho que é realmente assim ó, que seria importante a estruturação desse Centro de Empreendedorismo para que dali partissem ações que fossem o mais transversais [...] acho que seria fundamental que a gente pudesse reunir assim especialistas que trabalham com o tema para coordenar as ações (Gestor 13 – Gestor Estratégico).

[...] eu acho que mais cursos para professores e técnicos... e, em algum momento, algo que integre professores, técnicos e aluno, tipo uma trilha ou alguma coisa parecida (Gestor 2 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] reestruturar alguma formalização dentro do QSL para trabalhar nessa parte do empreendedorismo, né? De vincular essa questão dessas empresas juniores nascentes aqui, para que sejam de forma sustentável, né? Que elas tenham esse jargão sustentável com preocupação em todos os parâmetros de todas as dimensões (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho assim, essa questão ela, ela necessariamente ela passa por uma “pegada” interdisciplinar, a gente não vai conseguir fazer empreendedorismo se não tiver uma visão interdisciplinar (Gestor 15 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Outras ações relevantes são reavaliar os Quadros de Sequência Lógica (QSLs) dos cursos, promover nas empresas juniores ações de sustentabilidade e estruturar um Centro de Empreendedorismo com especialistas no tema para a FURG, achados que reforçam o posicionamento de Zilioto e Berti (2012), Menezes e Costa (2016) e Silva e Pena (2017). Observou-se também que os Institutos mais resistentes ao empreendedorismo se posicionaram mais abertamente quanto à iniciativa de se trabalhar com um empreendedorismo sustentável voltado para as três dimensões (econômicas, sociais e ambientais). Martins (2010) reafirma que o empreendedorismo pode atuar em todas as áreas e não somente na área da gestão.

b) Disposição em Dialogar e Apoiar Questões Relacionadas à Sustentabilidade

Em relação à categoria “Disposição em dialogar e apoiar questões relacionadas à sustentabilidade”, cabe destacar que essa foi aplicada somente aos diretores das Unidades Acadêmicas da instituição, destacando-se as seguintes falas:

[...] pode contribuir com melhores disciplinas, inserção do tema em seminários, de aulas, né? Palestras, estimular aprovação de projetos na área... (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] acho que encorajando os colegas a participarem e realmente buscar essa Formação, talvez também trazendo o *feedback*, já que a gente participa como diretor e fazer o acompanhamento, nosso trabalho é todo baseado em metas e estratégias de acompanhamento, tanto docente, discente e servidores, acho que seria o caminho (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] Incentivando, né? Como diretor, não com professor, incentivando o empreendedorismo sustentável, repassando qualquer iniciativa para cada um (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a gente tem feito algumas microações [...] nós temos um seminário agora em novembro e a gente discutiu um pouco e a gente sempre deixa espaço para discutir um pouco dessas questões de sustentabilidade (Gestor 12 – Diretor de Unidade Acadêmica).

De modo geral, nota-se uma predisposição dos gestores das Unidades Acadêmicas em participar, facilitar, incentivar e apoiar o diálogo e o debate entre técnicos, docentes e discentes sobre questões críticas relacionadas à sustentabilidade. Além disso, percebe-se que a FES pode ser uma possível opção

para instituir a sustentabilidade em suas Unidades. Tais achados vêm ao encontro de Rocha e Freitas (2014) quando defendem que uma possível solução para inserir a sustentabilidade no empreendedorismo seria a formação de empreendedores para torná-los mais qualificados.

Sendo assim, esses caminhos rumo ao sustentável podem ser trilhados ao inserir temas sobre a sustentabilidade em eventos, seminários, palestras; ao motivar a participação de projetos na área; e ao promover e adequar disciplinas específicas na área. Esses caminhos são muito relevantes, pois Marinho (2014) afirma que a sustentabilidade nas instituições de ensino ainda permanece restrita à pesquisa e às disciplinas e cursos relacionados somente com a área ambiental.

c) Oferta de Disciplina sobre Empreendedorismo Sustentável

Aos gestores foi questionado sobre a possibilidade de se criar uma disciplina sobre o empreendedorismo sustentável e se essa disciplina atende à necessidade de uma FES. A partir das falas dos entrevistados, observou-se que algumas Unidades se mostraram mais adeptas ao empreendedorismo sustentado pelas três dimensões (econômicas, sociais e ambientais), concedendo um espaço, seja através de uma disciplina, seja através de ações de extensão, para dialogar sobre ele, trocando ideias com as coordenações de cada curso.

[...] eu acho que sim, eu acho boa, dentro dessa estratégia aí do Centro de Empreendedorismo [...] precisamos consolidar esse núcleo de especialistas para desenhar as ações, então, talvez não começa com uma disciplina, talvez seja uma das ações de extensão, inicialmente, de informação complementar, mas eu acho que o caminho é ter uma disciplina, e aí, ter esse conceito de Sustentável [...] me parece bem interessante essa proposta, pessoalmente eu gosto do conceito, né? (Gestor 13 – Gestor Estratégico)

[...] eu acho que o empreendedorismo é como eu te disse, se ele não for esse conceito tradicional que gera mais resistência, e sim o empreendedorismo sustentável, que humaniza o empreendedorismo, né, sustentável que já traz uma outra visão [...] aí sim, acho que é possível ham, ham, pensar em um espaço ou disciplina, um campo de ação. Aí eu acho que é mais viável e aceito (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho interessante uma disciplina de empreendedorismo sustentável, mas agora até que ponto vai chamar atenção do aluno que não tem essa formação? Tenho minhas dúvidas, embora também, assim, acho que é um caminho interessante (Gestor 3 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] talvez então mudando o viés dessas disciplinas existentes, eu acho que é agregar disciplinas, eu acho que não, acho que pensar na estrutura curricular existente nessa área e de repente isso reestruturar e incluir essa temática, isso sim, ou numa forma de uma disciplina ou bem explícita na existente tá (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] pensar no contexto de todas as profissões, a gente tem que pensar no empreendedorismo sustentável [...] ela vai ao encontro até da nossa missão institucional como universidade, né? que são dos ecossistemas costeiros e oceânicos, essa vocação para atender a necessidade desse ambiente não para nós e que deveria ser, com certeza, o Empreendedorismo Sustentável (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] acho que sim, mas ela não talvez não seja principal, acho que eu sou um pouco, cada vez eu acredito menos em disciplinas, certo? Principalmente para essas coisas mais assim, eu acho que são essas atividades mais transversais e interdisciplinares (Gestor 15 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que é preciso ver o termo, ver a ementa e conversar com cada curso para saber. E aí, quando eu digo cada curso, é com todos os cursos da FURG, não importa se é licenciatura ou se é bacharelado, ham... Porque cada curso tem o seu perfil e eu acho que isso é um respeito à coordenação do curso, isso é respeito ao NDE (Núcleo Docente Estruturante) do curso e é respeito à área (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Para esses gestores, o referido conceito traz uma visão para além do empreendedorismo tradicional abordado nas disciplinas já ofertadas pela FURG, indo ao encontro da definição de empreendedorismo sustentável exposta por Silvério *et al.* (2014). Os gestores acreditam que essa nova visão do empreendedorismo converge com a filosofia e a política da universidade, disposta na Resolução 014/87, que apresenta como vocação institucional os ecossistemas costeiros e oceânicos que orientarão as atividades de ensino, pesquisa e extensão, por meio de uma filosofia unificadora (FURG, 2018), abrangendo, assim, as demais áreas da universidade que ainda não trabalham com o empreendedorismo.

Outros acham a proposta de uma disciplina interessante, mas não conseguem visualizar como ela poderia ser conduzida na formação da sua Unidade e advogam que deveria ser ofertada como optativa e de acordo com a necessidade de cada curso, corroborando Gomes e Silva (2018) quando abordam a possibilidade de a disciplina ser optativa ou obrigatória a depender dos diversos cursos. Porém, os gestores que já têm na sua Unidade disciplinas voltadas ao empreendedorismo relatam que não precisam criar outra disciplina intitulada de empreendedorismo sustentável e sim reestruturar e incluir a temática nas disciplinas existentes.

Para os gestores estratégicos, um dos primeiros passos para inserção desse tema seria a criação do Centro de Empreendedorismo com pessoas especializadas na área vinculadas à FURG. Além disso, a

criação de uma disciplina pode ser um dos caminhos para a estruturação de uma FES, reafirmando os achados de Hisrich, Peters e Shepherd (2014) e Naia *et al.* (2015).

d) Oferta de Cursos Complementares

Foi perguntado aos entrevistados se a oferta de cursos complementares contribui para alcançar a FES na universidade.

A maioria dos gestores entende que os cursos complementares são significativos para alcançar a FES e que devem ter atividades complexas e rotativas, não se restringindo à sala de aula, mas procurando desenvolvê-la de maneira transversal ao currículo, buscando sempre a atualização. Esses achados vêm ao encontro de Menezes e Costa (2016), que afirmam que as instituições podem promover o empreendedorismo por meio de diferentes iniciativas, tais como a promoção de concursos de ideias de negócios, o desenvolvimento de incubadoras de empresas e a realização de investimentos em novas metodologias para formação empreendedora.

Um ponto relevante para uma pequena parcela de gestores é que esse tema não deve ser imposto em forma de cursos para as Unidades Acadêmicas, devendo conter um atrativo que desperte a vontade de outras áreas a participarem.

e) Pessoas que Podem Contribuir com a Formação Empreendedora Sustentável

Para uma melhor contribuição da proposta FES foi perguntado aos gestores como eles e outras pessoas podem contribuir para a FES:

[...] Eu acho que é a DIT (Diretoria de Inovação Tecnológica), assim o que ela faz em termos de empreendedorismo, formação de empresas, propriedade intelectual e transferência de tecnologia, né? [...] pensando, planejando, desenvolvendo e avaliando ações e estratégias na questão do empreendedorismo com base na Educação, né? (Gestor 11 – Gestor Estratégico).

[...] acho que as pessoas da própria área de empreendedorismo, dos próprios pesquisadores, dos leitores sobre este assunto e pessoas que possam vir contribuir com cursos, com palestras que já tenham essa visão diferenciada, né [...] a resistência e esse desconhecimento, talvez não resistência deliberada, mas o desconhecimento mesmo (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] organizando eventos, organizando seminários, trazendo pessoas e, na verdade, eu tenho um seminário organizado e tá organizado na minha cabeça e só não botei em prática (Gestor 2 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] isso está dentro dos planos de ação para 2018, fomentar essas ações de empreendedorismo tá. O que a gente está procurando fazer de forma mais objetiva, divulgar as ações que estão acontecendo institucionalmente [...] o principal é aquele docente, o docente com experiência empreendedora ou remota ou atual [...] até sem dedicação exclusiva né, ou que teve no passado experiências desse tipo ou que desenvolve através de parcerias projetos de extensão com empresas [...] esses são os transformadores... (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] são todos, né? Porque tem que ser todos os servidores, porque se a gente chegar no docente que ensina em sala de aula, mas que fora da sala de aula não consegue ultrapassar o limite que falou, fora não vai funcionar (Gestor 7 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] ai... Não sei, eu acho que aqui em construir esse conceito, hoje eu te diria que só tu entende, porque as outras pessoas que eu vejo, elas estão muito nesse viés econômico, não conseguem enxergar, talvez uma aproximação com o pessoal do Nudese (Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico) nessa construção do sustentável pensando nesses três vieses (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

Quando se questionou como cada gestor poderia contribuir para a FES, a maioria respondeu que seria por meio de apoio na construção da formação, por exemplo, na elaboração de eventos, na realização de seminários, no convite a pessoas com experiência de fora da instituição, entre outras, em acordo com Silveira (2016) e Silva e Pena (2017).

Poucas Unidades relataram que já estão fomentando ações empreendedoras para os próximos anos. Cabe destacar que, segundo Dolabela, (2008), Martins, (2010) e Basci e Alkanb (2015), um dos principais agentes do processo de intensificação do empreendedorismo no Brasil são as IES, contudo, Nassif *et al.* (2009) destacam que a formação empreendedora nas IES ainda é incipiente.

Outros gestores destacam que é preciso debater mais as concepções de empreendedorismo dentro da universidade, pois o viés ainda é muito econômico, e que é preciso avançar nas questões sociais e ambientais, o que confirma Silva *et al.* (2017), relatando que o empreendedorismo nas universidades ainda representa um grande desafio a ser enfrentado. Segundo os gestores, os docentes são fundamentais nesse processo, tenham eles dedicação exclusiva ou não, mas que tenham experiências passadas ou que trabalhem com projetos de extensão, principalmente aqueles voltados às empresas. Alguns gestores também ressaltam que, para dar certo todo o processo dentro da universidade, é preciso envolver também os técnicos administrativos e os discentes, ou seja, a comunidade acadêmica.

f) Unidade Proponente para a FES

Também foi questionado aos gestores qual Unidade Acadêmica ou área da universidade deveria ser a proponente de atividades de FES:

[...] se houvesse um grupo, que fosse interdisciplinar mesmo, né. Para além do próprio ICEAC [...] eu não conheço outras pessoas na FURG que tenha essa perspectiva [...] talvez essa área mais específica de empreendedorismo sustentável ainda seja marginalizada dentro da área de Administração (Gestor 1 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que tem que ser um trabalho de grupos, de professores né, de pessoas que se identificam e comecem a partir dali... (Gestor 4 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] a formação básica, digamos assim, teórica do tema, eu acho que deve continuar com o ICEAC [...] pelo menos eu acho que nós temos aqui dentro da FURG diretorias e órgãos que podem promover isso aí de uma forma interdisciplinar, né? [...] mas eu acho não necessariamente de um instituto (Gestor 5 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] então assim, não é na unidade, é na instituição FURG, eu acho que a Innovatio como incubadora, o Oceantec que é um parque tecnológico, que tem o núcleo de empreendedorismo para trabalhar, por exemplo, empresas juniores, inovações básicas, mas assim que saia de uma unidade e que a gente use lá (Gestor 6 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] eu acho que tem tudo a ver com o ICEAC, mas deveria ser o ICEAC, assim junto com a direção de Inovação Tecnológica da universidade, deveriam trabalhar todos juntos (Gestor 9 – Diretor de Unidade Acadêmica).

[...] no ICEAC, porque eu acho que aonde tem o maior número de profissionais que conseguem fazer uma discussão melhor do empreendedorismo, porque eu acho que hoje, independente de ser em função da questão econômica ou não, o campo está vinculado ao campo das empresas e que é um dos olhares do ICEAC (Gestor 17 – Diretor de Unidade Acadêmica).

De modo geral, os gestores acreditam que não deve haver uma única Unidade Acadêmica responsável pela FES, mas sim um grupo de pessoas que se identifique com o assunto. Outros acreditam que a formação básica deve vir do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis (ICEAC), em função de possuir o maior número de profissionais já atuantes na área. Esse fato foi evidenciado em função de o empreendedorismo estar incorporado às grades curriculares, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração (CNE/CES, 2005), sendo esse curso o primeiro a ensinar empreendedorismo no Brasil, de acordo com Dolabela (2008). Em contrapartida, alguns relataram que a FES deve ser encampada para além do ICEAC, pois acreditam que o referido Instituto ainda não teria essa percepção de sustentabilidade para o empreendedorismo.

Uma parte de gestores afirma que a FES deve ser proveniente do ICEAC, atuando em conjunto com a Diretoria de Inovação Tecnológica (DIT), com a Coordenação de Empreendedorismo e Incubação de empresas, e com o Oceantec (Parque tecnológico), que são áreas específicas da universidade que abordam o assunto. Outra parte dos gestores, ainda, ressalta a necessidade de trabalhar o empreendedorismo sustentável de uma maneira mais interdisciplinar e transversal, pois a sustentabilidade requer um pensar “a universidade como um todo”. Oliveira, Melo e Muyllder (2016) reforçam a importância do envolvimento das Ciências Sociais Aplicadas em dar suporte ao desenvolvimento da inovação e da tecnologia em outros campos.

A partir dos resultados obtidos neste estudo, postula-se que a formação para professores em empreendedorismo sustentável está voltada para todas as áreas que desejam proporcionar transformações positivas nos alunos, assim como para a sala de aula em busca de formas alternativas de aprendizado, por meio da inovação e da motivação. Neste sentido, os gestores percebem que formar professores empreendedores sustentáveis colabora para constituir professores que erguem os seus sonhos, visualizam oportunidades e buscam recursos para transformá-las em conhecimento e aprendizagem, indo além da educação tradicional.

5. Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo verificar a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável na instituição. Alguns diretores de Unidades Acadêmicas afirmam a necessidade de formação para os gestores que assumem tal função na universidade, a qual é composta por diversas Unidades Acadêmicas, nas quais, normalmente, quem assume as funções de gestão são os docentes, os quais muitas vezes não têm conhecimentos sobre os aspectos gerenciais, por não ser a sua área de formação. Nesse contexto, percebe-se que a FES pode ser uma oportunidade para agregar essa solicitação por parte dos gestores públicos.

Nos cursos de graduação não diretamente relacionados com as Ciências Sociais Aplicadas, os gestores das Unidades responderam que ainda não discutem sobre o empreendedorismo nos cursos de graduação, existindo apenas ações isoladas por parte dos professores em abordá-lo na sala de aula.

As atuações que os gestores entendem que podem colaborar para inserir uma FES na universidade estão relacionadas às ações que abordam o tema de maneira interdisciplinar e transdisciplinar e que as iniciativas devem partir da Administração Superior para, posteriormente, irem para as Unidades Acadêmicas. Além disso, acreditam que os cursos sobre esse assunto devem envolver a participação e a interação de toda a comunidade acadêmica (professores, técnicos e alunos). Assim, a predisposição dos gestores em participar e apoiar o diálogo sobre questões relacionadas à sustentabilidade corrobora a afirmativa de que a FES pode ser um dos caminhos para instituir a sustentabilidade nas suas Unidades.

Nessa perspectiva, alguns gestores de Unidades mostraram-se mais adeptos em conceder um espaço, seja através de uma disciplina, seja de ações de extensão para dialogar sobre esse empreendedorismo voltado ao sustentável, trocando ideias com as coordenações de cada curso. Outros não conseguem visualizar como a FES pode ser conduzida na formação da sua Unidade. Contudo, os gestores que já têm na sua Unidade Acadêmica disciplinas voltadas ao empreendedorismo relatam que não precisam criar outra disciplina com o nome de empreendedorismo sustentável e sim reestruturar e incluir a temática nas disciplinas existentes, transversalizando o tema.

A unidade proponente para a FES, segundo alguns gestores, não deve ser apenas uma Unidade Acadêmica responsável pela FES, mas sim um grupo de pessoas que se identifique com o assunto. Outros acreditam que a formação básica deve vir do ICEAC, mas em conjunto com a DIT, com a Coordenação de Empreendedorismo e Incubação de Empresas, e com o Oceantec, que são áreas específicas da universidade sobre o assunto. Apesar de os entrevistados não comentarem sobre a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), esse órgão seria importante na transversalização do tema, principalmente no aspecto de orientar as discussões sobre o assunto nas coordenações de curso de graduação.

Neste sentido, a partir dos resultados, pode-se constatar as possibilidades e os limites percebidos pelos gestores para a construção da FES na instituição. As possibilidades evidenciadas pelos gestores foram: a inserção de um empreendedorismo voltado à sustentabilidade nas diferentes Unidades Acadêmicas; a disposição em participar e incentivar as questões relacionadas à gestão e à sustentabilidade; a aceitação de um empreendedorismo mais amplo voltado ao equilíbrio das três dimensões da sustentabilidade nas Unidades resistentes ao empreendedorismo; o incentivo à criação de um Centro de Empreendedorismo; a disposição das Unidades Acadêmicas em promover e participar da FES com cursos sobre empreendedorismo sustentável; a criação de disciplina ou de ações de extensão sobre empreendedorismo sustentável; e a reestruturação e a inclusão da temática nas disciplinas já existentes.

Os limites percebidos pelos gestores para a viabilização da FES foram: a existência de ações isoladas por parte de alguns professores nas diferentes áreas; a postura metodológica tradicional entre os docentes da universidade; o desconhecimento dos gestores das Unidades Acadêmicas sobre empreendedorismo sustentável; a falta de percepção dos gestores em como conduzir uma FES na sua unidade; e a dificuldade de diálogo entre as diferentes Unidades Acadêmicas da instituição.

De modo especial, a FES nas IES deverá estar voltada para todas as áreas que desejam proporcionar transformações positivas nos discentes, assim como para a sala de aula, em busca de formas alternativas de aprendizado. Por fim, formar professores empreendedores colabora para constituir professores que erguem os seus sonhos, visualizam oportunidades e buscam recursos para transformá-los em conhecimento e aprendizagem, indo além da educação tradicional.

Referências

- Almeida, L. R. S. de, Cordeiro, E. de P. B. & Silva, J. A. G. da. (2018). Proposições acerca do ensino de empreendedorismo nas instituições de ensino superior brasileiras: uma revisão bibliográfica. *Revista de Ciências da Administração*, 20(52), 109-122.
- Alves, D., Filho, D. F. & Henrique, A. (2015). O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. *Revista Política Hoje* – 24(2), 119-134.
- Azevedo, A. C. de, Manthey, N. B., & Lenzi, F. C. (2016, março). O ensino do empreendedorismo em cursos de graduação: panorama das práticas dos cursos de ciências sociais aplicadas. *Anais do Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo*, Passo Fundo, RS, Brasil, 9.
- Baggio, A. F., & Baggio, D. K. (2014). Empreendedorismo: Conceitos e Definição. *Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1), 25-38.

- Barbieri, J. C., & Cajazeira, J. E. R. (2016). *Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática*. 3. ed. São Paulo: Saraiva.
- Barbosa, F. L. S., Neto, A. R., Moreira, R. N., & Bizarria, F. P. de A. (2015). Empresa Júnior E Formação Empreendedora De Discentes Do Curso De Administração. *Teoria e Prática em Administração*, 5(2), 167-189.
- Bardin, L. *Análise de conteúdo*. (2011). São Paulo: Edições 70.
- Basci, E.S., Alkanb, R. M. (2015). Entrepreneurship Education at Universities: Suggestion for A Model Using Financial Support. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 195, 856 – 861.
- Barros, M. M. S., & Gonzaga, A. M. (2018). Empreendedorismo na Formação de Professores. *Educitec, Manaus*, 4(9), 20-37.
- Boszczowski, A. K., & Teixeira, R. M. (2012). O empreendedorismo sustentável e o processo empreendedor: em busca de oportunidades de novos negócios como solução para problemas sociais e ambientais. *Revista Economia & Gestão*, 12(29), 141-168.
- Casado, F. L., Siluk, J. C. M., & Zampieri, N. L. V. (2012). Universidade Empreendedora e Desenvolvimento Regional Sustentável: proposta de um modelo. *Revista de Administração da UFSM*, Santa Maria, 5, Edição Especial, 633-650.
- Cervo, A. L., Bervian, P. A., & Silva, R. da. (2007). *Metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Superior (CNECES). (2005). *Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Administração, bacharelado, e dá outras providências*. Brasília, DF: Ministério da Educação.
- Dolabela, F. (2008). *Oficina do empreendedor*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Dorion, E. C. H., Nodari C. H., Olea P. M., Ganzer P. P. & De Mello, C. B. C. (2015). New Perspectives in Entrepreneurship Education: a Brazilian Viewpoint. *Entrepreneurship Education and Training*. SANCHEZ, J. C. (Ed.) [E-reader Version].
- Fernandes, E., Silva, M. da. (2017) Educação ambiental empreendedora na escola. *Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar*. São Paulo, 1(1), 157-167.
- Freitag, M. S. B. (2014). Aprendendo a ser um empreendedor. In: Borges, Cândido (org). *Empreendedorismo sustentável*. 1. ed. São Paulo: Saraiva.
- Furg (2018). Universidade Federal do Rio Grande. História. Resolução n. 014/87 do CONSUN de 20 de novembro de 1987. Filosofia e Política para a Universidade do Rio Grande. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2019-2022. Disponível em: <https://furg.br>.
- Gomes, D. C., & Silva, L. A. F. (2018). Educação empreendedora no ensino profissional: desafios e experiências numa instituição de ensino. *HOLOS*, 34(1), 118-139.
- Guimarães, L. de O. (2002). *A experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores - contribuições das universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College*. Tese de Doutorado da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.
- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2014). *Empreendedorismo*. Porto Alegre: AMGH.
- Itelvino, L. da S., Costa, P. R., Gohn, M. da G. M., Ramacciotti, C., & Porto, G. S. (2018). Formação empreendedora para geração de inovações sociais. *Gestão & Regionalidade*. 34(101), 107-133.
- Laurikainen, M., Silva F. L. da, Schlemper, P. F., Soares, J. W. B., & Melo L. H. M. de. (2018). Educação em empreendedorismo: o que podemos aprender dos exemplos brasileiros e finlandeses? *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*. 13(1), 337-358.
- Lima, A. L. de. (2008). *Os riscos do empreendedorismo: A proposta de educação e formação empreendedora*. 2008, 132. F. Dissertação (Mestrado de Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- Martins, G. de A., & Theóphilo, C. R. (2009). *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Atlas.
- Martins, S. N. (2010). *Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores*. Tese da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Marinho, M. B. (2014). *Universidades e sustentabilidade: Uma Pesquisa em Instituições de Educação Superior Brasileiras*. 2014. Tese da Universidade Federal da Bahia, BA, Brasil.
- McClelland, D. (1973). Testing for competence rather than for "Intelligence". *American Psychologist*, Washington, 28(1), 1-14.

- Meneghatti, M. R., Ruas, R. L., Costa, P. R., & Pedron, C. D. (2020). As categorias da formação empreendedora e a mobilização de competências no ambiente de ensino superior. *Revista Alcance*, 27(2), 251-272.
- Menezes, B. F. R de, & Costa, A. de S. M. da. (2016). Experiência de Trabalho e Formação Empreendedora: Um Estudo sobre a Empresa Junior PUC Rio. *Revista ADM. MADE*, Rio de Janeiro, 16 (20), 79-105.
- Naia, A., Baptista, R., Januario, C., & Trigo, V. (2015). Entrepreneurship education literature in the 2000s. *Journal of Entrepreneurship Education*, 18(31), 111-136.
- Nassif, V. M. J., Amaral, D. J. do, Pinto, C. C., Soares, M. T. R. C., & Prando, R. A. (2009). Formação Empreendedora: Aspectos Convergentes e Divergentes sob a Ótica de Alunos, Professores, Pais e Empreendedores. *Revista ANGRAD*, 10(2).
- Nobre, L., & Anello, L. F.S. (2017). A Educação Ambiental Crítica presente no trabalho do Núcleo de Desenvolvimento Social e Econômico da Universidade Federal do Rio Grande (NUDESE-FURG). *Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental*. Edição especial XIX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, p. 180-196.
- Organizações das Nações Unidas do Brasil. (nd). Objetivos do Desenvolvimento Sustentáveis. Recuperado em: 16 setembro, 2020, de <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods8/>.
- Oliveira, A. G. M. de, Melo, M. C. de O. L., & Muylder, C. F. de. (2016). Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. *Revista Administração em Diálogos*, 18(1), 29-56.
- Palmas, L. C., Campos, S. A. P. de, & Pedrozo, E. A. (2017 dezembro). A Sustentabilidade na Formação do Gestor: que competências estão sendo desenvolvidas? Anais do Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente, São Paulo, Brasil, 19.
- Rabbior, G. (1990). Elements of a successful entrepreneurship/economics/education program. In: KENT, Calvin A. (Eds.). *Entrepreneurship Education – current developments, future directions*. New York: Quorum Books, 53- 65.
- Rocha, E. L. C., & Freitas, A. A. F. (2014). Avaliação do ensino de empreendedorismo entre estudantes universitários por meio do perfil empreendedor. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(4), 465-486.
- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. (n.d). Relatório Especial: o empreendedorismo e o mercado de trabalho. Recuperado em: 17 de setembro 2020, de [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/70d1237672d36de1ba87890e4cb251cc/\\$File/7737.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/70d1237672d36de1ba87890e4cb251cc/$File/7737.pdf).
- Silva, A. de P., Schimiguel, J., & Araújo, M. S. T. de. (2015). Reflexões acerca da utilização da abordagem Ciência, Tecnologia e Sociedade no contexto da educação empreendedora. *Boletim Técnico Do Senac*, 41(3), 132-153. Recuperado de <https://bts.senac.br/bts/article/view/40>.
- Silva, G. J. V. da, Cruz, A. de F. A., Silva, P. S. da, Fialho, J. A. R., & Souza, V. C. de A. (2017). Contribuições do Centro Acadêmico de Química para a formação profissional dos graduandos: em foco o empreendedorismo e a extensão universitária. *Revista ELO - Diálogos em Extensão*, 6(2), 14-24.
- Silva, J. F. da, Pena, R. P. M. (2017). O “bê-á-bá” do ensino em empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da educação empreendedora. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 6(2), 372-401.
- Silveira, M. B. (2016). *Formação empreendedora: Análise das características empreendedoras entre os estudantes do ensino técnico*. 2016. 100 f. Dissertação da Faculdade Campo Limpo Paulista, SP, Brasil.
- Silveira, M. B. & Sanches, C. (2017). Formação empreendedora: análise das características empreendedoras entre os estudantes do ensino técnico. *Revista de Tecnologia Aplicada (RTA)*, 6(3), 46-71.
- Silvério, A. L., Santos, D., Sales, I. R., Correa, K. R., & Ribeiro, S. P. (2014). Empreendedorismo ambiental: reciclagem de lâmpadas fluorescentes. *Revista Expressão*, 7.
- Turchielo, R. de G., L. de Oliveira & Dalongaro, R. C. (2019). Formação Empreendedora: percepção do perfil empreendedor dos estudantes do ensino médio. *Vivências*. 15(28), 255-267.
- Vieira, S. F. A., Ribeiro, P. R., & Melatti, G. A. (2010, setembro). O ensino de empreendedorismo nos cursos de graduação em administração: um estudo comparativo entre as universidades estaduais de Londrina e Maringá. Anais do Seminários em Administração, São Paulo, Brasil, 18.
- Ziliotto, D. M., Berti, A. R. (2012). A aprendizagem do aluno inserido em empresa júnior. *Revista Conexão UEPG*, 8.

Apêndice – Formulário Estruturado de Entrevista Aplicado aos Gestores

| Formulário de entrevista aplicado aos Gestores da Universidade Federal do Rio Grande |
|--|
| Prezado (a) Gestor (a), O objetivo desta pesquisa é verificar a percepção dos gestores da universidade sobre a Formação Empreendedora Sustentável (FES) na instituição. Sua participação é muito importante para a construção da proposta de Formação Empreendedora Sustentável na Universidade Federal do Rio Grande. Por isso, contamos com a sua colaboração nas respostas da pesquisa, as quais serão tratadas confidencialmente, ou seja, não serão passadas individualmente a empresas ou terceiros. <p style="text-align: right;">Agradeço desde já a sua disponibilidade.</p> |
| DADOS DO GESTORES |
| Data: ____/____/____ |
| Formação na Graduação e na Pós-Graduação: |
| Função atual: |
| CONCEPÇÃO SOBRE FORMAÇÃO EMPREENDEDORA SUSTENTÁVEL |
| 1. Qual o seu posicionamento, no que se refere a dialogar e apoiar as questões relacionadas à Sustentabilidade na Instituição? |
| 2. Quais ações você entende que podem contribuir para uma Formação Empreendedora Sustentável na universidade? |
| 3. Você entende que a oferta de disciplina sobre “empreendedorismo sustentável” atende a necessidade de uma Formação Empreendedora Sustentável? |
| 4. Você entende que a Formação Empreendedora Sustentável é alcançada pela oferta de cursos complementares sobre empreendedorismo? |
| 5. Quem são as pessoas que você entende que podem melhor contribuir para a Formação Empreendedora Sustentável? |
| 6. Você acredita (ou pensa) que alguma Unidade da Universidade deveria ser a proponente de atividades de Formação Empreendedora Sustentável? () SIM () NÃO. Caso Sim, qual e por quê? Caso Não, por quê? |